

**Autor:**

Marco Daniel Duarte

**Título:**

*Do Estado Novo ao 25 de Abril. Excurso pela estética e ideologia dos painéis pintados da Cidade Universitária de Coimbra*

**Resumo:**

O estudo de obras artísticas criadas em determinado aro cronológico mais ou menos dilatado, através das capacidades da diacronia, faz prever que se encontrem nessas obras características dos respectivos períodos históricos. A avaliação estética das obras pintadas nos edifícios da chamada Cidade Universitária de Coimbra permite concluir que o Estado Novo não abdicou de se munir da arte pictórica para fazer transmitir os seus ideais maturados e alicerçados em convicções ideológicas muito precisas; estes, naturalmente, aparecerão na arte e ficarão, a partir do momento da sua fixação num suporte artístico, como marca dos que a operaram.

Assim, para além das linhas severas da arquitectura que alberga os diferentes tipos de Saber, a Cidade Universitária de Coimbra encontra-se povoada pelas artes da figuração, mostrando (e demonstrando), de forma clarividente, o que entre os doutrinadores se considerava útil, pois a obra de arte estatal da governação estadonovista, para além da dimensão estética, detém uma forte carga pedagógica e didáctica. A arquitectura reina como “mater”, chamando ao seu governo algumas artes às quais confere um espaço, muitas vezes, diminuto, mas de excepcional qualidade. Assim se devem entender os diferentes painéis colocados nas edificações: “Alegoria da Antiguidade Clássica”, de Joaquim Rebocho (1951); “Alegoria do Génio Português”, de Severo Portela Júnior (1951); “Evolução da Medicina”, de Severo Portela Júnior (1956); “A Matemática desde os caldeus e egípcios até aos nossos dias” e “A Matemática portuguesa ao serviço da epopeia nacional”, de Almada Negreiros (1969) e “Para Além de Saturno”, de Maria Manuela Madureira (1975). O facto de as obras da Cidade Universitária de Coimbra se desenrolarem por um arco temporal bastante dilatado permite que as suas sensibilidades imagéticas, vistas “a posteriori”, possam ser interpretadas, nas suas diferenças, como marca dos períodos temporais que as viram nascer e que, de algum modo, mais numas que noutras, as determinaram. Analisando deste prisma, os painéis das Faculdades serão os pontos de uma linha que, se outros motivos não houver, por razões pedagógicas, se traça desde o primeiro painel, pintado em 1951, ao último que, datando de 1975, faz celebração do acontecimento charneira tido como o início de uma nova era iniciada a partir de 25 de Abril de 1974.